Autores românticos só sabem escrever no outono, é verão na vida real, mas no papel é outono. Me sinto bem, me sinto livre, me sinto disposto a matar o leão de minha própria vaidade com uma forjada angústia de um amor platônico de alguma Lolita mais alguns verões. O que sobra das mulheres quando se tornam mais velhas? A mesma coisa que sobra aos homens, um espelho de desilusões e um motor de amarguras para um jogo metanalístico de se acreditar ou se enganar por mais um minuto que o jogo não acabou. Talvez se encontrar um jeito de jogar metade de minhas bagagens de memórias fora possa assim diminuir a impressão de meu tempo de vida, o mais cruel é que a bagagem mais a mão para se jogar no acostamento está minhas boas lembranças e o que me faz mais humana, e se eu as enterrasse no jardim? Com uma margarida plantada em cima para quando o sinal fatal de game over, a gentil oferta do acento no transporte público pela terceira vez para que não sobre dúvida, eu a desenterre e volte cordialmente aos objetos do meu caráter, agora sujos de terra ao seu devido lugar de origem. Quem se importa, quem tem tempo de ver no fundo dos meus olhos uma alma apagada de esperanças. Finge boas novas pois as angustias em parte se foram com as expectativas, e não vivemos na Suíça, talvez um moço de boa alma venha em uma moto apontar um revólver na minha cara e me roube o celular, uma porcaria de celular de uma porcaria de dia em que um moço malvado e sem escrúpulos me oferece o lugar no ónibus pela terceira vez. Preferia que tivesse me matado logo. Eu que era jovem e queria que o tempo não passasse. Queria agora que minha vida fosse a fita de uma fita cassete que pudesse apertar FF agora e matar a curiosidade do que mereço na contabilidade final, de anseios, desilusões, e um paquiderme de Santo André que tenta ganhar no susto um ticket para o planeta sentido. Pois o que este paquiderme sabe da vida, é que o sentir é apenas um músculo que se trabalha pela dor da fragilidade das relações humanas cada vez mais opacas que minguam com a ampulheta do tempo que diminui a cada minuto seu nível de areia, mas que algo ou alguém nunca deixa chegar ao fim.